



Evaluate
Visit www.ig.com.br

A classe C com diploma

ALUNOS DE BAIXA RENDA, GERALMENTE OS PRIMEIROS DA FAMÍLIA
A CHEGAR À UNIVERSIDADE, MUDAM A CARA DO ENSINO SUPERIOR

Carolina Stanisci
Elida Oliveira
Paulo Saldaña

ESPECIAL PARA O ESTADO

Eles estão mudando a cara do ensino superior no País. Os chamados universitários da classe C trabalham para pagar os estudos e demoram anos para iniciar o curso depois de concluir o ensino médio. Mas isso não importa: batalhadores, valorizam o fato de terem chegado à universidade – até porque, geralmente são os primeiros de sua família a conseguir isso.

Dos 5,9 milhões de estudantes de graduação no País, 31,4% têm renda familiar en-

tre 1 e 5 salários mínimos. O número quase dobrou desde 2002, quando o percentual era de 16,2%. Isso tem ocorrido graças a iniciativas oficiais, como políticas de cotas e o Programa Universidade para Todos (ProUni), mas também por causa de universidades que apostam nesse público, cobrando mensalidades baixas – que podem chegar a R\$ 180.

O novo universitário brasileiro chamou a atenção da opinião pública na esteira do caso de Geisy Arruda, aluna de Turismo que virou celebridade após ter sido hostilizada, em 22 de outubro, pelos colegas do câmpus da Uniban em São Bernardo, ABC, por conta de

seu vestido curto. O episódio provocou debates sobre os prós e contras da popularização do ensino superior. Para saber quem são esses estudantes, o **Estadão.edu** fez uma enquete em quatro universidades (Uniban, Estácio UniRadial, Uninove e Unip) e conversou com especialistas em pesquisa com universitários.

A consultoria Hoper, por exemplo, traçou um panorama do setor privado este ano tendo como base 378 instituições do País. Concluiu que, em 2012, os alunos das classes C e D serão a maioria nas universidades pagas, desbancando as classes A e B. Entre 2004 e 2008, a participação da classe

C cresceu 53% e a da D, 95,3%. “Em 1996, com a entrada em vigor da Lei de Diretrizes e Bases, ficou menos burocrático criar curso universitário. E as classes C e D começaram a se inserir”, afirma Ryon Braga, presidente da Hoper.

Por trás dessas estatísticas estão universitários como Israel da Luz Barbosa Gomes, de 20 anos, um dos 419 mil bolsistas do ProUni. Israel cursa o 5º semestre de Engenharia Elétrica na Estácio UniRadial, em Santo Amaro, zona sul de São Paulo. Caçula de cinco filhos, tem pais semianalfabetos. A mãe veio para a capital paulista do Paraná, para trabalhar como empregada doméstica quando tinha 15 anos. O pai, mineiro, sofre de hanseníase, e teve as pernas amputadas por causa do diabetes. Ex-operário, vive de bicos.

“Foi por falta de oportuni-

Evaluation
Visit www.acti

dade que meus irmãos não estudaram", diz Israel, que sempre fez escola pública e trabalha como estagiário num banco. "Posso sair da UniRadial e não trabalhar com engenharia. Mas estarei feliz de ter cursado a universidade."

"Enquanto o retorno esperado do universitário das classes A e B é 'ter mais do que os meus pais me deram', o da classe C é 'ter o que os meus pais não tiveram'", afirma Paulo Seixas, da agência de pesquisa e marketing Namosca, que acabou de concluir estudo comparativo entre estudantes das classes A, B e C.

Como em geral vem de escolas públicas, essa turma de universitários pioneiros se impressiona com a infraestrutura. Em especial nas faculdades pagas, que investem em quadras e grandes espaços de convivência. "A infra nessas escolas do tipo 'Uni' é muito boa, chama a atenção", diz Caio Romano, da agência de publicidade Mundo Universitário. Quando fala em "Unis", Romano se refere a universida-

des que apostaram nesse público das classes C e D, como Estácio, Unip, Uniban e Uninove. "Em geral, elas conhecem bem seu público."

Com 200 mil estudantes matriculados em todo o País, a Estácio de Sá, controladora da UniRadial, faz pesquisas anuais com seus alunos. Na última, constatou que 70% deles ingressam na universidade quatro anos depois de formados no ensino médio.

"Virei exemplo. As pessoas da minha família dizem: 'Se você conseguiu, também vou fazer'", diz Vanessa Castilho, de 30 anos. Filha de um pedreiro, ela abandonou dois cursos depois de passar no vestibular – "não tinha condições de fazer" – até conseguir bolsa para estudar Medicina na Uninove da Liberdade, centro. Vanessa es-

tá no 2º ano, mas diz que não se sente igual aos outros alunos do curso, cuja mensalidade supera R\$ 3 mil. Preconceito? "Se falar que tenho um 'melhor amigo' na sala estarei mentindo. Apesar disso, sempre me respeitaram."

Os anos de espera servem para juntar dinheiro ou estudar para o vestibular. Caloura do Jornalismo da PUC-SP, Álvaro Bianca Teixeira, de 23, tentou por 5 anos o concorrido curso da USP. Estudava sozinha, sem cursinho. "Meu foco era total na USP." Insistiu até descobrir que a PUC aceitava o ProUni. "Estar na faculdade é a melhor coisa que já fiz."

Segundo o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, nem a crise do ano passado afetou a participação dos alunos da classe C e D na

universidade. "Em 1992 só 4,5% da população podia dizer que frequentou ou frequenta curso superior. Em 2008, o percentual é de 10,5%."

Agora, o desafio da classe C é ir além da graduação. José Messias Santos, de 21, faz Jornalismo na Universidade do Estado do Rio (Uerj), graças às cotas raciais. "Se não fossem elas eu não passaria." Ele conclui a graduação em dezembro e vai começar o mestrado. "Faço iniciação científica e isso despertou o interesse pela área acadêmica."

Messias também se orgulha de não ser mais a única pessoa da família a chegar ao ensino superior. O irmão caçula entrou num curso de Informática – desta vez, sem precisar das cotas. ● COLABORARAM TAINALON E DIANA DANTAS, ESPECIAL PARA O ESTADO

A vizinhança nada conservadora da Uniban

Depois do caso de Geisy Arruda, a Uniban virou uma espécie de símbolo do conservadorismo. Mas o ambiente perto do câmpus da Avenida Rudge Ramos, São Bernardo, é igual a qualquer vizinhança de universidade: meia dúzia de bares, com mesas cheias. "Um deles é de

lésbicas", diz uma estudante. No tal bar, a menos de 100 metros do prédio onde Geisy foi hostilizada, garotas de mãos dadas ouvem rock ao vivo. Algumas trocam beijos.

Nas vielas que desembocam num matagal, o "mangue", o cheiro de maconha se confunde com o da pipoca e do cachor-

ro-quente vendidos na calçada. Aluna de Comunicação, Dayse Gargantini, de 22 anos, acredita que, se a Uniban "selecionasse melhor", o episódio de outubro não teria ocorrido. "Não teria ela. Nem eles", diz, referindo-se a Geisy e seus algozes. ● PAULO SALDAÑA, ESPECIAL PARA O ESTADO

Você concorda com a expulsão de Geisy?

17,5%

SIM

82,5%

NÃO

Fonte: Enquete Estadão.edu



Visit

FILME FAVORITO

Gostam de blockbusters
americanos como
Crepúsculo

Só um citou como filme favorito
um longa brasileiro
Carandiru



Classe C e D
serão maioria
nas faculdades
pagas em

2012

Fonte: Agência Hoper 2009

31,4%

Fonte: IBGE 2008

têm renda
familiar entre
**1 e 5 salários
mínimos**

Fonte: IBGE 2008

5,9

milhões de estudantes
no ensino superior

Evaluate
Visit www.

ware.
e details

82,5%
Fonte: Enquete Estadão Edu
são **religiosos**

65%
dos pais dos
estudantes
não têm
ensino superior

65%
dos estudantes
trabalham
e estudam

47,5%
experimentaram
drogas

45%
se consideram
conservadores

ÍDOLOS

Pais/parentes

30%

Não tem

17,5%

Deus/ Jesus

12,5%

Outros*

40%

* Ayrton Senna, Frank Sinatra, José Luiz Datena, Lula, Machado de Assis, Max Gehringer, O Rappa, Roberto Justus, Rogério Ceni, Shakira, Silvio Santos, Sun Tzu (autor de A arte da guerra) e Zé Ramalho



Evaluation
Visit www.acta.org

Rotina de bolsista do ProUni

ISRAEL GOMES, DE 20, FAZ ENGENHARIA ELÉTRICA NA ESTÁCIO UNIRADIAL, EM SANTO AMARO, ZONA SUL DE SÃO PAULO. ESTAGIÁRIO DE UM BANCO NO CENTRO, ISRAEL ACORDA TODO DIA ÀS 6 HORAS E SÓ VOLTAR PARA CASA, NA VILA SÃO JOSÉ, TAMBÉM NA ZONA SUL, ÀS 23 HORAS

6 h



Israel acorda e toma café da manhã com a mãe, Joana, de 60 anos

6h40



Pega o ônibus da Linha 5632/10 - Vila São José/Largo São Francisco

8h40

Chega ao ponto final e caminha até o trabalho



6h30

Sai de casa para o trabalho



9 h

Começa o expediente no estágio



16h55

Chega em casa

18h10

Pega o ônibus 6913/10 - Terminal Varginha/Bandeira

13 h

Almoço

13h30

Volta ao trabalho

19 h

Na faculdade, Israel mostra carrinho elétrico desenvolvido por estudantes

15h

Sai do trabalho



FOTOS: INEF BATERIA/VAE

15h17

Pega ônibus da Linha 5652/10 - Praça da Sé/Jd. 4º Centenário

22 h

Sai da faculdade

22h10

Pega o ônibus 6128/10 - Vila Natal/Shopping Morumbi

16h30

Desce na Sé

16h40

Pega outro ônibus, da Linha 6110/10 - Palmares/Aeroporto

23 h

Chega em casa

Evaluation
Visit www.ac